

O Aposentado e os desafios financeiros das gerações futuras

Comemorado na sexta-feira (24), o Dia Nacional do Aposentado vai além de uma homenagem aos que contribuíram ao longo de suas vidas para o desenvolvimento do Brasil

Devanir Silva (*)

É um momento para refletirmos sobre os desafios e conquistas das novas gerações. Planejar a aposentadoria vai muito além de contribuir para o sistema previdenciário. Envolve aprender a poupar, investir com sabedoria e adotar hábitos financeiros que proporcionem maior autonomia no futuro.

A geração atual tem o privilégio de acessar ferramentas modernas, como serviços financeiros digitalizados e informações instantâneas, recursos que facilitam o processo de construção de uma vida mais estável e segura. No entanto, essas facilidades também trazem a responsabilidade de usá-las para garantir um futuro financeiramente saudável.

Uma pesquisa da Goldman Sachs Asset Management, que entrevistou mais de 5 mil pessoas de diferentes gerações, traz percepções relevantes sobre como cada faixa etária encara o planejamento para a aposentadoria. A Geração Z, por exemplo, se destaca pelo planejamento financeiro precoce, com uma poupança média de US\$ 29 mil. Desses, 68% estão confiantes de que estão no caminho certo.

No entanto, embora 44% desejem se aposentar antes dos 60 anos, os desafios econômicos e a crescente expectativa de vida podem dificultar a realização desse objetivo. Por outro lado, 45% da Geração X admite estar em débito com as economias para a aposentadoria. Já os Millennials enfrentam desafios financeiros significativos que comprometem sua capacidade de poupar, como dívidas estudantis, cartões de crédito, custos com cuidados infantis, aquisição de imóveis e apoio a familiares idosos.

Essas responsabilidades acumuladas tornam o objetivo de construir uma poupança previdenciária robusta mais distante. Embora os desafios financeiros ao longo da vida sejam inevitáveis, o planejamento e a poupança antecipados são essenciais. Somente dessa forma as gerações futuras poderão garantir maior estabilidade e segurança durante a aposentadoria, mesmo diante das adversidades.

O direito à aposentadoria no Brasil remonta à assinatura da Lei Eloy



studioroman_CANVA

Chaves, em 1923, que criou as caixas de aposentadorias e pensões para os empregados das estradas de ferro. Esse marco histórico pavimentou o caminho para a Previdência Social no país, garantindo dignidade aos trabalhadores após uma vida de dedicação.

Vale ressaltar que, até o início do século passado, a aposentadoria sequer existia no Brasil. Aqueles que encerravam suas trajetórias profissionais, mesmo após anos de contribuição para a sociedade, não tinham nenhuma garantia de renda. A criação desse direito foi uma verdadeira revolução social. No entanto, mais de um século depois, o tema ainda apresenta desafios significativos.

Hoje, grande parte dos aposentados no Brasil enfrenta dificuldades financeiras. Uma pesquisa da Serasa revelou que seis em cada dez brasileiros precisam continuar trabalhando após se aposentarem para complementar a renda. Além disso, 62% recorrem a créditos ou empréstimos para cobrir despesas essenciais, como alimentação, saúde e medicamentos.

Esses dados evidenciam que, embora a aposentadoria seja um direito fundamental, ela ainda está longe de garantir uma vida digna e tranquila para todos. Por outro lado, o regime fechado de previdência complementar destaca-se como uma alternativa relevante. Com um patrimônio acumulado superior a R\$ 1,3 trilhão e benefícios anuais que ultrapassam R\$ 100 bilhões, esse modelo não só

assegura estabilidade financeira a seus participantes e suas famílias, mas também desempenha um papel importante na economia do país, representando 11,6% do PIB.

Esses dados reforçam a importância de iniciativas que incentivem a adesão a sistemas de poupança de longo prazo. As lições dos aposentados de hoje mostram a relevância do planejamento financeiro e da educação previdenciária como ferramentas para enfrentar os desafios do envelhecimento com maior tranquilidade.

É fundamental que as novas gerações compreendam que a construção de um futuro mais seguro e estável depende de decisões tomadas desde cedo, garantindo que a longevidade seja vivida com dignidade e qualidade de vida.

(*) - É diretor-presidente da Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar - Abrapp.

A geração atual tem o privilégio de acessar ferramentas modernas, como serviços financeiros digitalizados e informações instantâneas, recursos que facilitam o processo de construção de uma vida mais estável e segura

Economia circular no enfrentamento da emergência climática

Edson Grandisoli (*)

Em 2024, o planeta registrou a temperatura média global mais alta já documentada, superando pela primeira vez um aumento de 1,5 °C em relação aos níveis pré-industriais, deixando para trás o Acordo de Paris

De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), a temperatura média global no ano passado foi de, aproximadamente, 1,55 °C acima dos níveis pré-industriais, consolidando-se como o ano mais quente já registrado.

Esse aumento na temperatura, apesar de parecer pequeno, tem colaborado para o aumento significativo da frequência e intensidade de eventos extremos climáticos, incluindo, por exemplo, as inundações no Rio Grande do Sul e, mais recentemente, os incêndios florestais devastadores em Los Angeles.

Dessa forma, a estabilização e redução da temperatura do planeta, na busca por estabilidade climática, pode ser considerado o principal desafio socioambiental da atualidade, e requer mudanças sistêmicas e orquestradas em todos os setores das sociedades rapidamente.

Um dos caminhos apontados por diferentes especialistas é repensarmos e reorganizarmos globalmente o modelo linear de economia, pautado no trinômio "extrair, produzir e descartar" - que já provou sua insustentabilidade socioambiental -, considerando um modelo no qual o reaproveitamento de materiais e a regeneração se colocam como principais objetivos. Estamos falando aqui da Economia Circular.

A economia circular é um modelo econômico que estimula a reestruturação de todo o sistema atual de extração, produção, consumo e descarte, buscando:

- 1) Maximizar o uso eficiente de recursos;
- 2) Minimizar o desperdício;
- 3) Criar design para a reciclabilidade, reparabilidade e reaproveitamento;
- 4) Buscar a redução do consumo e o consumo consciente;
- 5) Reduzir a quantidade de resíduos e;
- 6) Estimular o uso de energias renováveis em todos os segmentos.

Essa abordagem holística reduz a pressão sobre os ecossistemas e age diretamente para o enfrentamento da emergência climática, pois colabora para a redução das emissões de gases de efeito estufa (GEE).

A complexidade e escala do desafio climático demandam, portanto, ações urgentes e que envolvam (e garantam participação) todos os setores das sociedades. Ou seja, colaboração, diálogo, corresponsabilização e criatividade são essenciais para as mudanças que todos precisamos no presente para o futuro.

E a economia circular tem se mostrado como um caminho prático, possível e necessário para aliar o desenvolvimento socioeconômico à manutenção da qualidade do clima do planeta.

(*) É Coordenador pedagógico do Movimento Circular (<https://movimentocircular.io/>).

Como o mercado financeiro está incorporando a sustentabilidade

Fernando Nunes (*)

A crescente importância da sustentabilidade no cenário global se torna cada vez mais evidente, especialmente em um contexto marcado por crises climáticas severas, como as enfrentadas em 2024.

Aumento de temperatura, eventos climáticos extremos e a degradação de ecossistemas estão impactando diretamente a vida das pessoas e a estabilidade econômica. Esses desafios exigem uma resposta abrangente e colaborativa, onde o mercado financeiro desempenha um papel fundamental.

Em 2024, o mundo viveu um momento crítico em relação às mudanças climáticas. Desastres

naturais, como incêndios florestais, inundações e secas severas, estão se tornando mais frequentes e intensos, resultando em prejuízos econômicos significativos.

Esses desafios não apenas ameaçam a saúde do planeta, mas também representam riscos financeiros para investidores e instituições. De acordo com o estudo "Comprometimento Econômico das Mudanças Climáticas", publicado na revista Nature, a diminuição de produtividade causada pelas mudanças climáticas poderá resultar em uma retração de 19% na economia mundial até 2049.

O mercado financeiro tem um papel importante na promoção da sustentabilidade, atuando como catalisador para a mudança. Os investidores estão cada vez mais

reconhecendo que a sustentabilidade não é apenas uma questão ética, mas também uma oportunidade econômica.

O conceito de "finanças sustentáveis" vem ganhando força, que envolve investimentos em projetos e empresas que promovem práticas ambientalmente responsáveis. Iniciativas como os Princípios para o Empoderamento das Mulheres (WEPs) e os Princípios de Investimento Responsável (PRI) estão ganhando adesão entre investidores institucionais.

Diversas instituições financeiras estão se adaptando para atender à demanda por soluções sustentáveis. No Brasil, a B3 (Bolsa de Valores) introduziu o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), que avalia e classifica em-

presas com base em suas práticas de sustentabilidade.

Outro exemplo significativo é o aumento da emissão de títulos verdes por empresas que buscam financiar iniciativas como energias renováveis, infraestrutura sustentável e conservação de recursos naturais. Essas ações não apenas contribuem para a mitigação das mudanças climáticas, mas também criam novas oportunidades de investimento.

A transição para um mercado financeiro mais sustentável não é apenas necessária; é uma oportunidade para inovação e crescimento econômico. À medida que as empresas e investidores reconhecem a importância da sustentabilidade, surgem novas soluções e modelos de negócios

que atendem às demandas de um mundo em transformação.

Inovações em tecnologia limpa, eficiência energética e agricultura sustentável, por exemplo, podem não apenas ajudar a mitigar os efeitos das mudanças climáticas, mas também gerar empregos e impulsionar o crescimento econômico.

Além disso, a incorporação da sustentabilidade no mercado financeiro pode melhorar a resiliência econômica. Investimentos em práticas sustentáveis tendem a ser menos voláteis e mais robustos a longo prazo, proporcionando maior segurança para investidores e comunidades.

(*) - É cofundador e CEO na Transfeera (<https://transfeera.com/>).